



REPS - Revista Even. Pedagóg.

Edição Especial Temática: Análise de Discurso em conceitos e procedimentos

Sinop, v. 13, n. 1 (32. ed.), p. 87-111, jan./maio 2022

ISSN 2236-3165

<https://periodicos.unemat.br/index.php/reps/index>

DOI: 10.30681/2236-3165

DISCURSO, PRINCÍPIOS E PROCEDIMENTOS: sentidos de/sobre a prostituição¹

DISCOURSE, PRINCIPLES AND PROCEDURES: senses of/about prostitution

Fernanda Surubi Fernandes

RESUMO

Para este estudo, apresentamos um olhar sobre a história da prostituição enquanto uma dualidade que é constitutiva da imagem feminina, ou seja, não se trata de falar da imagem da prostituta especificamente, mas, de demonstrar de que forma múltiplas imagens foram se constituindo, atravessadas por um efeito de oposição entre a imagem da castidade e a da luxúria, isto é, da mulher pura, respeitável, casta, em oposição à mulher da vida, lasciva, pecadora. Esse efeito de oposição é um funcionamento constitutivo que marca fortemente a história da prostituição. Abordamos isso, a partir dos conceitos da Análise de discurso, com seus princípios e procedimentos teóricos e metodológicos e com a análise das músicas **Troca de calçada** e **O amor não escolhe profissão**.

Palavras-chave: Linguística. Análise de Discurso. Prostituta. Música.

ABSTRACT

For this study, we present a look at the history of prostitution as a duality that is constitutive of the female image, that is, it is not about talking about the image of

¹ Este artigo é um recorte da dissertação de mestrado intitulada **CASTIDADE E LUXÚRIA: a constituição da imagem feminina nos cadastros policiais**, sob a orientação da Dra. Olimpia Maluf Souza, Programa de Pós-graduação em Linguística, da Universidade do Estado de Mato Grosso.

the prostitute specifically, but to demonstrate how multiple images were formed, crossed by an effect of opposition between the image of chastity and that of lust, that is, of the pure, respectable, chaste woman, in opposition to the woman of life, lascivious, sinful. This oppositional effect is a constitutive functioning that strongly marks the history of prostitution. We approach this from the concepts of Discourse Analysis, with its theoretical and methodological principles and procedures, and with the analysis of the songs **Troca de calçada** and **O amor não escolhe a profissão**.

Keywords: Linguistics. Discourse Analysis. Prostitute. Song.

Correspondência:

Fernanda Surubi Fernandes. Doutorado em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Docente da Universidade Estadual de Goiás (UEG) Unidade Universitária de Iporá. Instituto de Educação e Licenciaturas. Curso de Letras – Português/Inglês. Projeto de Pesquisa “Corpo, horror e desejo em quadrinhos de autoria feminina”. Iporá, Goiás, Brasil.
E-mail: fernanda.fernandes@ueg.br

Recebido em: 15 de outubro de 2021.

Aprovado em: 16 de dezembro de 2021.

Link/DOI: <https://periodicos.unemat.br/index.php/reps/article/view/6286/4598>

1 INTRODUÇÃO

Análise de Discurso é uma disciplina de entremeio, conforme Orlandi (2007a), que reflete sobre o seu objeto: o discurso. Apresentar uma definição de discurso não é fácil, é cair na ilusão de completude da linguagem, do sentido único, mas é uma “ilusão necessária”, assim, por uma questão prática, tentamos definir.

Antes de tudo, é compreender a sua definição para a teoria da Análise de Discurso, ou seja, não estamos falando da definição em dicionário de língua portuguesa, mas de uma especificidade marcada pela teoria. Assim, apresentamos algumas definições de Pêcheux e Orlandi.

Para Pêcheux (2011, p. 214) é:

[...] uma sequência linguística de dimensão variável, geralmente superior à frase, referida às condições que determinam a produção dessa sequência em relação a outros discursos, sendo essas condições propriedades ligadas ao lugar daquele que fala e àquele que o discurso visa, isto é, àquele a

quem se dirige formal ou informalmente, e ao que é visado através do discurso.

Para Orlandi (2007a, p. 21): “[...] é efeito de sentidos entre locutores.”; “[...] um objeto sócio-histórico [...]” (ORLANDI, 2007a, p. 16); “[...] é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos.” (ORLANDI, 2007a, p. 17).

É ainda “[...] um processo que se desenvolve de múltiplas formas, em determinadas situações sociais.” (ORLANDI, 2007b, p. 54). Podemos dizer, portanto, que discurso é efeito de sentido que se produz na relação com o outro/Outro, com os interlocutores e o interdiscurso, com os sujeitos e a situação social e histórica.

Diante disso, ao falar dos processos teóricos e metodológicos da Análise de Discurso, compreendemos que esses procedimentos fazem parte de uma construção contínua, voltada para cada objeto, para cada análise. “Cada material de análise exige que seu analista, de acordo com a questão que formula, mobilize conceitos que outro analista não mobilizaria, face a suas (outras) questões.” (ORLANDI, 2007a, p. 27).

Assim, os procedimentos teóricos e metodológicos são construídos a partir do olhar do analista, da relação com o seu objeto, objetivo, sua questão que move a análise. É nessa direção, que a Análise de Discurso possibilita diferentes gestos de leitura, que se dão a partir da noção de discurso e de condições de produção do dizer.

Isto posto, apresentamos neste estudo, a partir dos procedimentos teóricos e metodológicos da Análise de Discurso, com base em Orlandi (2007a; 2007b) e Pêcheux (2009), um olhar sobre a história da prostituição enquanto um processo contraditório que constitui sentidos sobre a imagem feminina, ou seja, não se trata de falar da imagem da prostituta especificamente, mas, de demonstrar de que forma múltiplas imagens foram se constituindo, atravessadas por um efeito de contradição entre a imagem da castidade e a da luxúria, isto é, da mulher pura, respeitável, casta, em oposição à mulher da vida, lasciva, pecadora.

2 A PROSTITUTA/PROSTITUIÇÃO EM DISCURSO

O fato de vivermos em um mundo marcado por relações de gênero, nas quais articulam poder/força de um sobre o outro, não se pode conceber uma imagem feminina sem inseri-la no contexto dessa relação em que se procura demarcar o lugar do homem e o lugar da mulher, num processo de naturalização sobre a prostituição.

Nessa perspectiva, ao apresentarmos a história da prostituição, nós a tomamos enquanto uma contradição que é constitutiva da imagem da mulher, ou seja, não se trata de falar da imagem da prostituta especificamente, mas, de demonstrar de que forma múltiplas imagens foram se constituindo, atravessadas por um efeito de contradição entre a imagem da castidade e a da luxúria, isto é, da mulher pura, respeitável, casta, em oposição à mulher da vida, lasciva, pecadora. Esse efeito de contradição é um funcionamento constitutivo que marca fortemente a história da prostituição.

Beauvoir (1967, p. 9) analisou uma construção sociocultural da feminilidade, pois, “[...] ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, o que põe em funcionamento o próprio conceito de mulher como algo construído histórico e ideologicamente, produzindo efeitos de que a mulher seria feita de contenção, discrição, doçura, passividade, submissão, pudor e silêncio. Eram estas, por muito tempo ao longo da história, as virtudes condicionadas à mulher, produzindo assim, uma imagem negativa para a mulher que transgredia esses valores, efeitos negativos que vão se voltar para a construção do imaginário sobre a prostituta. Ela representará, portanto, o oposto da imagem esperada para a mulher honesta, mãe e esposa, efeitos que se produz e se reproduz até os dias atuais.

Segundo Roberts (1998), no período pré-histórico, a prostituta era considerada como uma deusa, fazendo parte de uma sociedade matriarcal. As mulheres eram consideradas deusas devido ao dom de criar, com seus corpos, um outro ser sem o auxílio de ninguém, pois os homens não compreendiam a sua participação no processo da procriação, assim sendo, as sacerdotisas realizavam rituais sexuais, encontros grupais a partir dos quais geravam uma criança, esse processo era denominado de *prostituição sagrada*.

Para a autora, o que predominava, nesse período, era o matriarcado, e durante muito tempo, a prostituição era como uma religião que predominou, porém, com o tempo, o homem compreendeu a sua parte na concepção e iniciou-se o controle sobre o corpo feminino através do casamento. Assim, os homens poderiam garantir que os filhos eram seus e não de outros.

Outro momento histórico que levamos em consideração é o período Clássico, a Antiguidade, especificamente na Grécia e Roma. Nesse momento histórico, percebemos fortemente como se inicia a segregação da imagem da mulher entre a Boa Mulher e a Má Mulher (ROBERTS, 1998).

Nesse contexto, é o imperador Sólon que faz uma divisão entre as mulheres, tão conhecida atualmente, pois, para o imperador as mulheres eram esposas ou prostitutas.

Qualquer mulher que tentasse viver independentemente dos homens, todas as mulheres pobres, as estrangeiras e as escravas que trabalhavam fora de casa, caíam na segunda categoria. E, em muitos casos, isto era verdade, pois as mulheres que não eram esposas-modelo tinham pouca escolha além de se prostituir para sobreviver. (ROBERTS, 1998, p. 34).

Vê-se, portanto, como foi se constituindo essa dualidade. Assim, as mulheres destinadas à função de esposa mantinham-se sob o domínio masculino, não possuindo qualquer tipo de liberdade, devendo, então, ficar somente em casa para cuidar dos filhos, esse era seu papel social.

Vejamos que esse discurso foi produzindo uma característica para a condição feminina, o lugar de mãe e dona de casa, sem nenhum direito de ser assumir outras posições, além disso, a educação para as mulheres era algo proibido, visto que, “[...] a educação de uma esposa ateniense era restrita às habilidades domésticas da cozinha, da costura e do ‘cuidado da casa’; o conhecimento intelectual era proibido a uma esposa, pois esta era a marca de uma prostituta” (ROBERTS, 1998, p. 34).

No período Imperial Romano, “[...] a vida era barata, o sexo era mais barato ainda, e a aristocracia romana estava determinada a desfrutar de ambos, sem restrições” (ROBERTS, 1998, p. 54), pois os imperadores romanos; de acordo com Roberts (1998), Calígula, Nero, Comodus, são exemplos desses imperadores; entregavam-se a vários tipos de prazer (incesto, homossexualismo, masoquismo) e, ao mesmo tempo, criavam leis que condenavam os atos de libertinagem.

Se os imperadores agiam assim, davam margem para que a sociedade em geral agisse da mesma forma, desse modo, Roberts (1998, p. 61), afirma que “[...] a prostituição na antiga Roma era uma profissão natural, aceita, sem nenhuma vergonha associada a essas mulheres trabalhadoras”. No entanto, visando ao controle social, o imperador Augusto criou leis que obrigavam a aristocracia a se casar, o que levou muitas mulheres para a prostituição, na tentativa de se livrarem dessas leis. Tibério, sucessor de Augusto, criou, então, uma lei que proibia todas as mulheres da classe dominante da prática de prostituição. Todas essas tentativas dos imperadores não produziram mudanças na prostituição, que era tida pelos homens como um meio de proteger o próprio casamento, não permitindo o adultério e outros atos ilícitos com as mulheres da classe dominante.

Assim, segundo a autora, nesse período havia também leis que ditavam que todas as prostitutas de classe baixa deveriam vestir um traje especial para distinguirem-se das mulheres “respeitáveis”, assim, estas mulheres eram obrigadas a vestirem a toga masculina e não a feminina. Mas, a maioria não o fazia, e, ao invés disso, para se diferenciarem as próprias prostitutas começaram a usar roupas escandalosas, em sinal de protesto. Havia nesse momento também, tal como a hetaira na Grécia, a cortesã de luxo, que desempenhava um papel de destaque, como uma mulher independente, inteligente, dona de suas vontades, sem viver sob o jugo do masculino.

Com a queda o Império Romano, inicia-se o período da Idade Média, momento fortemente marcado pelo poder da Igreja. O discurso religioso torna-se, então, um lugar de interpelação privilegiada, uma vez que opera sobre a consciência íntima do sujeito, ao colocar em cena a escolha entre o bem e o mal, derivando dessa escolha consequências para ruína ou para a salvação da alma.

Desse modo, a Igreja, em união com o Estado, ditava comportamentos pautados em aspectos morais e éticos e exercia um controle sobre as atitudes das pessoas, em especial das mulheres. Assim, essas mulheres eram objetos dos discursos religiosos em sermões escritos pelos clérigos em versos, em coletâneas de conselhos sobre sexualidade, bem como os modos de atuação de seus corpos em casa e na sociedade, como uma forma de normatizar seus comportamentos.

É a partir da visão bíblica cristã que as ideologias foram se firmando e serviram de modelos para se estabelecerem ou desviarem outras correntes de

ideias. Tendo a bíblia como parâmetro, percebemos que as crenças sobre o papel da mulher permanecem alicerçadas até hoje na produção de sentidos, permitindo interpretações múltiplas sobre a noção fundadora de bem e mal, de castidade e luxúria, de mãe e puta.

No livro de Gênesis, tem-se a imagem feminina como símbolo da companheira idealizada, mas, ao mesmo tempo, daquela que se torna a responsável pela sua queda e a de seu companheiro, Adão. Nessa discursividade, Eva, a primeira mulher, instituiu, para o sexo feminino, sentidos que se ligam aos temores, decepções, pecados.

Relegada à condição de causadora da desgraça humana, a mulher encarna desde então a figura do demônio. Na fala da Igreja, a mulher deve ser subjugada, de modo a ter seus instintos reprimidos. As imagens de maga, bruxa, feiticeira, médium encerram em si a imagem da mulher sedutora, maléfica, que envolve os homens em suas artimanhas.

Em relação à prostituta uma imagem fortemente marcada é a de Maria Madalena. Símbolo da pecadora redimida, produzindo até hoje sentidos relacionados à prostituição. Ou seja, em nenhum momento encontramos, na Bíblia Sagrada, a afirmação de que Maria Madalena fosse prostituta, o que se tem são termos como 'pecadora redimida'.

O comportamento sexual na Idade Média não seguiu uma única direção, porque, por mais que a Igreja lutasse contra a sexualidade, "[...] na prática os europeus medievais eram tolerantes e desinibidos com relação ao comportamento sexual" (ROBERTS, 1998, p. 108). Mas, de todo o modo, esse período evoca um imaginário de coerção, de silenciamento de outras vozes, de repressão e morte que vai permanecer durante os séculos seguintes e a condição da mulher e da prostituta novamente vão estar dicotomizadas entre a mulher boa e a mulher má.

Com o surgimento da burguesia, a prostituição se constituiu na sociedade capitalista devido ao movimento de grande margem de lucros, assim cada vez mais, a prostituição foi sendo tratada por dois vieses, pois, de um lado buscava-se um controle para que esta ficasse fora da sociedade, mas, de outro, ela devia existir fazendo parte das relações sociais. Vemos novamente a contradição na qual se constituiu a imagem da prostituta/prostituição que, desde sempre, foi considerada

párea da sociedade, mas também foi considerada necessária pelas autoridades, que tentavam manter o controle sobre elas, devido ao lucro que geravam.

Por essa razão, no século XIX, segundo Roberts (1988), a burguesia colocava-se em posição de disseminar as suas ideias, assim, o papel da mulher tornou-se muito importante enquanto esposa fiel, boa mãe, mas, para a manutenção desse ideário foi necessário criar um meio de ‘castrar’ a mulher, colocando em funcionamento sentidos de que a sexualidade feminina era considerada como inexistente. Desse modo, “[...] o homem vitoriano criou a nova Madona – a criatura pura e assexuada da sua própria fantasia.” (ROBERTS, 1988, p. 265). Novamente temos a imagem da Virgem Maria, presente na constituição da mulher na sociedade do século XIX, portanto, nota-se o atravessamento de sentidos difundidos na Idade Média que permanecem, diríamos, até nos dias hodiernos. Essa imagem de mulher submissa, mãe, casta, vai contrapor-se com a imagem da prostituta, pois ser prostituta é contrariar todas essas regras sociais, dessa maneira, ser prostituta não condiz com o papel de mãe, de esposa.

Nessa direção, Beauvoir (1967, p. 323) afirma que “[...] a prostituta é o bode expiatório; o homem liberta-se nela de sua turpitude e a renega. Quer um estatuto legal a coloque sob a fiscalização policial, quer trabalhe na clandestinidade, é ela sempre tratada como pária”. Por isso, a prostituta encarna na sua pessoa o lugar do desvio, da impureza, da qual a sociedade tenta distanciar-se, abstrair-se, impingindo à prostituta todos os valores negativos e imorais presentes na sociedade.

Dessa maneira, compreendemos os sentidos de prostituta/prostituição na contemporaneidade são atravessados por toda uma memória discursiva, todo um discurso sócio-histórico produzido – sobre a mulher, sobre a relação sexual, sobre a relação homem-mulher – que nos permite pensar de como somos interpelados por sentidos ditos e esquecidos antes de nós, que nos constituem como sujeitos, no momento atual. Do mesmo modo que a questão da prostituição foi e é construída ainda nos tempos atuais.

Observamos que através de uma sociedade de controle, o sexo é interditado, mas ainda assim, não é silenciado, pelo contrário, é posto em visibilidade, pois nessa relação: “[...] prazer e poder não se anulam; não se voltam um contra o outro; seguem-se, entrelaçam-se e se relançam. Encadeiam-se através de mecanismos complexos e positivos, de excitação e de incitação” (FOUCAULT, 1988, p. 56).

Assim, ao falarmos da sexualidade, especificamente da sexualidade feminina, estamos falando de sentidos tidos e esquecidos, sentidos que foram produzidos em certas condições de produção e que continuam a produzir sentidos ainda hoje. Para Foucault (1988, p. 115) um dos quatro dispositivos de saber e de poder sobre o sexo é a “histerização da mulher”.

Histerização do corpo da mulher: tríplice processo pelo qual o corpo da mulher foi analisado – qualificado e desqualificado – como corpo integralmente saturado de sexualidade; pelo qual, enfim, foi posto em comunicação orgânica com o corpo social (cuja fecundidade regulada deve assegurar), como o espaço familiar (do qual deve ser elemento substancial e funcional) e com a vida das crianças (que produz e deve garantir, através de uma responsabilidade biológico-moral que dura todo o período da educação): a Mãe, com sua imagem em negativo que é a “mulher nervosa”, constitui a forma mais visível desta histerização.

Desse modo, percebemos como, a partir do século XVIII, a imagem feminina se constitui em relação ao sexo. A imagem de mãe, novamente prevalece, mas com o lugar da histeria, da mulher que não segue o seu próprio papel biológico, social, vivendo de forma histérica, é uma imagem negativa da mulher em geral. Esse movimento apaga a questão da sexualidade, como se a mulher não a tivesse, segundo Perrott (2003, p. 16) “[...] o prazer feminino é negado, até mesmo reprovado: coisa de prostitutas”. Assim, a sexualidade é controlada através dos discursos sobre a histerização, discursos que predominam até hoje, produzindo efeitos. Nessa direção, a prostituta é tida também como histérica, mas, se trata de alguém que dá vazão a sua sexualidade, não como prazer, mas como um desvio de conduta, da moral social e cristã, prevalecendo, portanto, uma imagem negativa da mulher histérica.

Para Chauí (1991, p. 79), na atualidade, “[...] porque não tem função procriadora, a prostituição [...] é socialmente condenada”. Por outro lado, é também tolerada e até mesmo estimulada pelas sociedades que defendem a virgindade das jovens solteiras, a fidelidade das mulheres casadas, para a autora, portanto, são as próprias sociedades que criam a necessidade de que haja mulheres que se prostituam, evitando, assim, que as mulheres honestas das sociedades não sejam desvirtuadas. Desse modo, o sexo tem o propósito de “[...] proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global” (FOUCAULT, 1988, p. 118).

Assim, o processo de repressão sexual passa pela restrição do discurso e os lugares que passam a ser legitimados para se falar sobre o assunto são os dos especialistas, pois, para sociedade em geral, há, ainda hoje, um tabu que impede que se fale de sexo de forma aberta, sem preconceitos, dando margem para que mais efeitos de sentido possam ser produzidos, melhorando as relações sociais entre o poder instituído e as prostitutas.

Desse modo, as histórias da prostituição, da sexualidade, nos mostram como os sentidos sobre a mulher, sobre a meretriz, foram sendo constituídos de forma a produzir estigmas sobre a puta, principalmente a partir do século XIX, mas esse estigma não permitiu que a mulher se oprimisse e ficasse calada, pois, com o início do estigmatização da prostituição, as mulheres prostitutas passaram a lutar por seus direitos. Isso deu início a várias organizações que lutam pelos direitos das prostitutas pelo mundo. Inclusive há várias organizações, atualmente, no Brasil com as mesmas ideias e ideais.

3 ESPECIFICIDADES DA PROSTITUIÇÃO NO BRASIL

A prostituição no Brasil, desde o momento colonial até os dias atuais, perpassa por condições de produção bem diferentes, mas que condizem com a condição da mulher em cada período histórico. Desde o Brasil Colônia, a indígena e a negra constituem imagens sobre a mulher, através de formações imaginárias, através do símbolo de nudez, da lascívia, da beleza, da cor, do calor, constituindo o imaginário sobre o brasileiro, principalmente da brasileira.

As condições históricas mostram um lugar do corpo desnudo, produzindo um efeito de oposição com as condições de vida das mulheres na Europa. Muito desse contexto, faz parte de uma memória que produz sentidos até os dias atuais. Quando se fala sobre o imaginário que os outros países têm sobre o Brasil, uma das respostas que encontramos é sempre a imagem do carnaval, com mulatas semidesnudas. Assim, temos o corpo, a sensualidade, a sexualidade como marcas do imaginário sobre a mulher brasileira. Novamente, vemos como os sentidos foram sendo construídos sobre a sexualidade produzindo efeitos sobre a imagem da mulher tanto da brasileira quanto de qualquer outra.

Nessa direção, temos, no percurso histórico da prostituição/prostituta, essa imagem de sensualidade/beleza relacionada à mulher transgressora, que foge à imagem sacralizada pela religião, da mulher pura, mãe, que chega, em certos momentos históricos, a ser dessexualizada.

De acordo com Del Priore (2006), historicamente a sociedade promoveu uma separação entre as mulheres para casar e as mulheres para servir de amenização dos impulsos sexuais dos homens. Segundo a autora, os franceses também tinham a imagem das mulheres públicas, mesmo que não o fossem.

A partir do fim do século XIX e início do XX houve uma emancipação da mulher, o que causou uma ambiguidade de sentidos, porque,

[...] se de um lado valorizava-se sua incorporação num amplo espaço social, por outro procurava-se instaurar linhas de demarcação sexual definidoras dos países sociais bastante claras. No caso da mulher, que “honestas” e “perdidas” não se confundissem. E que, acima de tudo, as mulheres se conscientizassem, na democratização da vida social, de que sua natureza primeira era a maternidade. A prostituta passou, então, a simbolizar a alteridade, a mais radical e perigosa. (RAGO, 2008, p. 29).

Parecia necessário constituir, então, uma condição feminina de oposição ao papel social que era (e é) dado às mulheres no Brasil. Nessa direção, temos uma dualidade na imagem feminina, que se constituiu historicamente produzindo sentidos em relação ao papel social da mulher, instalando uma contradição fortemente marcada pela sexualidade e pela moral social.

Segundo Rago (2008), as imagens femininas, no século XX, estão associadas a uma imagem da mulher brasileira como passiva e ociosa. Imagem constitutiva não somente em relação à prostituta, mas a todas as mulheres, cuja principal característica era ser considerada como fútil, uma construção negativa em relação à mulher. Essas imagens negativas marcam principalmente a prostituta, como se fosse uma característica apenas delas, por outro lado, para se definir e separar a mulher ‘honesta’ da puta criou-se uma outra imagem para aquela a da mulher “rainha do lar”, colocando a mulher para além da condição de mera reprodutora, uma vez que lhe foi atribuído o papel social de educar, cuidar da casa e da família, distanciando-a da imagem de mulher fútil e preguiçosa, ficando esses adjetivos apenas a puta. Assim, houve uma “[...] valorização da mãe pela educação” (RAGO, 2008, p. 83). Esse outro papel tornou a imagem de mãe ressignificada, visto que,

não se tratava mais do papel da procriação apenas, mas também de intervir na vida da criança, desse modo, com essa responsabilidade, o papel da mãe passou a ser também o da educadora.

Outra forma de manipulação, em relação ao papel maternal da mulher, se deu em relação à preocupação com a aparência, pois a mulher-mãe não precisava se preocupar com ela, mas sim com a educação dos filhos. Dessa maneira,

[...] a vaidade era um sentimento condenável na mulher, na lógica das feministas, para quem a preocupação com o corpo e com a imagem era sinônimo de esvaziamento espiritual. Portanto, havia sempre por trás dessas recomendações moralistas o espectro da prostituta: embora nem seja citada, paira constantemente a ameaça sobre a mulher de ser confundida com a “decaída”, se usar uma roupa muito decotada, uma saia muito curta, se exibir muitas jóias ou se pintar exageradamente. (RAGO, 2008, p. 77).

Por esse motivo, a aparência feminina era sinal de divisão entre a ‘mulher honesta’ e a ‘meretriz’. Assim, não adiantava ser honesta, a mulher deveria parecer honesta; o que dá visibilidade aos efeitos das questões morais sobre os modos de vida das mulheres nesse período, contribuindo para essa divisão do imaginário sobre o feminino.

Del Priore (2006) expõe que, na história, a meretriz era quem possuía a beleza, o erotismo e o prazer e com quem o homem extravasava seus instintos sexuais, e Rago (2008), traz duas imagens da meretriz, nas décadas de 20-30: a da mulher fatal e a da vítima, ou seja, a mulher sensual, poderosa e perigosa para o homem, com seu poder de sedução, e a vítima, a fragilizada, que sofre nas mãos de pessoas gananciosas sem ter nenhum direito como cidadã. Além dessas duas figuras, surgiu também, na literatura, outra imagem da meretriz: como símbolo de libertação da mulher nas relações sexuais e sociais.

Ambas as autoras tratam da cor da pele das mulheres que se prostituíam durante a colonização, período no qual a indígena e a negra eram tidas como símbolos da sexualidade quente e tropical. Se bem que, nesse período, o que se figura não é bem a prostituição em si, mas a escravidão sexual.

Nessa perspectiva, Rago (1985, p. 85) afirma que “[...] um dos traços mais característicos da personalidade da mulher pública, na visão dos médicos, é a preguiça, a aversão ao trabalho e a perseguição desenfreada do prazer”. Essas imagens podem ser associadas à constituição imaginária que a sociedade possui

sobre o indígena e o negro, pois ambos são ideologicamente associados à preguiça e ao prazer, sendo considerados, conseqüentemente, sujeitos desviantes. Outro ponto relevante é notar os efeitos de sentido da expressão ‘mulher pública’. Nesse discurso de Rago, este termo equivale à meretriz, nos dias de hoje, mas, em outros discursos podemos constatar o termo ‘mulher pública’ referindo-se às mulheres que estão nos altos cargos da política, de empresas e etc., o que não ocorria antigamente.

Segundo Del Priore (2006), na história brasileira, desde o tempo da colonização ao século XIX, as mulheres brancas (estrangeiras), as negras e as mulatas eram consideradas meretrizes pela sociedade, simplesmente por causa da cor da pele e da sua origem.

Com o tempo, a mulher negra “[...] deixava de figurar como o principal signo da imoralidade sexual, [sendo] substituída pela prostituta estrangeira, tanto no Rio de Janeiro, onde a presença negra era maior do que em São Paulo, quanto neste Estado” (RAGO, 2008, p. 48).

Num outro momento histórico, é a estrangeira, principalmente a francesa, que vigorava como a imagem da cortesã de luxo, pois deixavam de fazer sucesso na Europa e vinham para o país em processo de desenvolvimento.

Assim, o estigma da prostituta vai sendo constituído através das imagens de fútil, promíscua e, ao mesmo tempo, vítima, produzindo sentidos até hoje:

Imatura, ela é uma pessoa desorientada que se perdeu na vida e que precisa dos socorros dos especialistas para reencontrar o bom caminho e reintegrar-se na sociedade. Conclusão paradoxal, já que a prostituta não é uma criminosa que deve arrepende-se e retornar à normalidade [...] (RAGO, 1985, p. 87).

O que é posto em visibilidade pela autora é o fato de que a tentativa de combater a prostituição, no início do século XX, ficava sob um aparente controle, pois a prostituição ainda era vista como um mal necessário, ou seja, devia ser controlada, mas mantida como válvula de escape para as sexualidades insubmissas.

Nessa tentativa de controle, os regulamentaristas da época buscavam não só controlar o lugar que elas deviam viver e se prostituir, como também manter as meretrizes sob o jugo da não satisfação sexual, ou seja, “[...] o ideal de puta para os regulamentaristas é a mulher recatada e dessexualizada, que cumpre seus deveres

profissionais, mas sem sentir prazer e sem gostar de sua atividade sexual” (RAGO, 1985, p. 92). Nessa formulação, produzem-se como contradição os seguintes efeitos: a prostituta deveria ser ‘recatada’ e ‘dessexualizada’ ao realizar a prática da prostituição; ao realizar o seu trabalho não poderia sentir prazer.

A contradição reside na tentativa de apagar (censurar) o prazer para a meretriz, ou seja, a prostituta também deveria ser como a mulher honesta ‘recatada’, ‘dessexualizada’ na atividade de prostituição, uma vez que lhe é cobrado, lhe é interdito esse lugar do prazer feminino.

Segundo Rago (2008), a meretriz era visualizada como a que vendia o corpo como mercadoria. Era, desse modo, um objeto de dar prazer, mesmo sem amar ou sem ser amada, era em suma, vendedora e mercadoria simbolizando assim, ao mesmo tempo, a fragmentação do sujeito moderno, marcada pelo capitalismo.

O uso do corpo para atividade de prostituição constituía uma forma de resistência da prostituta, pois fazia uso de algo interdito (o corpo), com o qual além de se beneficiar financeiramente, poderia sentir prazer. Os sentidos produzidos nos mostram como a interdição, a censura de falar sobre sexo, está arraigada na sociedade através desse olhar negativo sobre a relação do corpo com o prazer. Nesse sentido, o corpo não serve apenas para o trabalho, para produzir de forma a contemplar os ditames do capitalismo, uma vez que é lugar de sentir e de dar prazer. Desse modo, a prostituta constitui-se de modo a produzir sentidos que se instalam pela contradição entre trabalho, prazer e corpo.

Trata-se de sentidos que, construídos pela moral social, produzem uma contradição que é constitutiva da prostituição, pois essa era renegada pela sociedade, mas em nenhum momento vemos a tentativa de por fim em tal atividade, assim, a prostituta/prostituição era/é considerada um ‘mal necessário’, devendo ser apenas controlado, mas não extinto.

Para ter esse controle, foram criados lugares que ficavam distantes dos centros da cidade, que eram vigiados pelos Departamentos de Polícias de cada cidade. Tratava-se de um momento histórico, segundo Rago (1985, p. 92), no qual:

[...] as meretrizes deveriam ter permissões de saída e ainda deveriam receber as visitas sanitárias a domicílio várias vezes por semana. Obrigatoriamente registradas a polícia, deveriam ser portadoras de uma carteira sanitária de identificação pela qual seriam constrangidas a passar por um exame periódico, a exemplo do que se praticava na França e em

outros países da Europa. Esta carteira conteria seus dados pessoais, nome real e idade, profissão atual ou anterior, naturalidade, estado civil.

No Brasil também foi criado os registros policiais, para manter o controle sobre a prostituição. Percebemos de que maneira as leis foram surgindo, primeiro como uma forma de controlar as mulheres da classe dominante obrigando-as ao casamento e a procriação, mesmo assim, muitas mulheres preferiram se prostituírem, para fugirem de tal lei. Dessa forma, os romanos criaram um sistema de registros para que tivessem controle sobre as mulheres de classe baixa, vemos que tal lei ainda permaneceu por muito tempo, pois, durante muito tempo a perseguição da Polícia as mulheres de classe baixa e somente a elas, conforme Roberts (1998) e Rago (2008). Porém, a grande maioria não se registrava por não desejarem seus nomes e dados registrados em uma lista como prostitutas, porque jamais poderiam ser dali seus nomes retirados (ROBERTS, 1998).

Portanto, nota-se que, durante a história do Brasil, a imagem da meretriz é atravessada pela imagem feminina, pois a imagem da mulher perpassa um imaginário de fragilidade e, ao mesmo tempo, possui, desde sua origem, na Gênese, o dom da sedução, o que a constitui como pecadora. Por isso, podemos dizer que esse imaginário, citado pelas duas autoras, constitui tanto a mulher que pratica a prostituição quanto a que não a realiza.

Atualmente, em pleno século XXI, vemos como estão sendo constituídos os sentidos sobre a prostituição. A entrevista, realizada pelo Labeurb², com a prostituta Gabriela Leite, coloca em questão o fato de ser a prostituição uma forma de sobrevivência, pois a própria prostituta aposentada a apresenta como uma escolha. Segundo a autora, antigamente, para ser independente não havia outra forma de agir a não ser a de se prostituir. Porém, nos dias atuais a realidade é outra, ou parece ser outra, porque o que se tem é a imagem de uma mulher independente que cuida da casa e de si sem precisar da presença masculina. Assim, quando Leite coloca que ser prostituta hoje é uma escolha, o efeito que ela produz é o de apagamento do discurso de culpabilização do sistema capitalista, que foi/é defendido como sendo o indutor dos atos do sujeito, subjugado pelo poder do Estado.

² **Conversa de Rua.** Gabriela Silva Leite Eu, mulher da vida. Disponível em: <https://www.labeurb.unicamp.br/portal/pages/videos/verVideo.lab?id=52>

Essa interpretação nos permite repensar o sujeito de direito, que é dono do seu dizer e do seu fazer, mas é, ao mesmo tempo, assujeitado para que possa desfrutar a ilusão da autonomia. Trata-se, então, de uma contradição, pois, ao olharmos hoje para os movimentos de prostitutas, na busca dos seus direitos (e deveres), busca-se, na verdade, o assujeitamento ao Estado, para se autorizarem como o sujeito de direito. Temos um sujeito que pensa ser dono do seu dizer e fazer e que, ao buscar sua autonomia, se assujeita às condições de uma sociedade capitalista. Esse entendimento é confirmado por Leite (2006), ao dizer que “[...] o que as prostitutas querem atualmente é o serem sujeitos da sua própria história³”.

Desse modo, a projeção no discurso da posição-sujeito mulher tem a ver com o real da história, ou seja, a imagem feminina é constituída por um processo que a inscreve em uma posição contraditória, tratando-se, pois, de uma contradição que não se resolve.

4 DISCURSOS SOBRE UM IMAGINÁRIO DA PROSTITUIÇÃO

As discursividades que abordam a temática da prostituição na contemporaneidade são várias, e ainda apresentam uma constituição da contradição que instalou a imagem da mulher como ambivalente: a santa e a pervertida, a mãe e a filha, a provedora e a que é provida, etc. Para observar essa relação, apresentamos um olhar sobre duas letras de músicas.

Compreendemos que a música é um objeto simbólico que permite a produção dos sentidos, pois pode significar as relações sociais, os sentimentos, sentidos histórica e ideologicamente produzidos.

As músicas analisadas, ao fazerem a descrição de uma imagem feminina, sentidos sobre a prostituição são produzidos. Portanto, verificar-se-á que a ideologia interpela o sujeito (tanto o sujeito autor quanto o sujeito leitor, no caso, sujeito ouvinte) produzindo sentidos determinados historicamente sobre a imagem feminina e a prostituição. Assim, refletimos acerca das músicas **O amor não escolhe profissão** (2016), do grupo Pedra Letícia, e **Troca de calçada** (2021), da cantora Marília Mendonça.

³ Formulação recortada na entrevista realizada pelo LABEURB – Laboratório de Estudos Urbanos – na seção **Conversa de Rua**, em 2006.

Ao olhar sobre essas duas músicas, o funcionamento ideológico se materializa numa relação com a memória discursiva, produzindo efeitos sobre a mulher.

A ideologia, na análise de discurso, está na produção da evidência do sentido (só pode ser “este”) e na impressão do sujeito ser a origem dos sentidos que produz, quando na verdade ele retoma sentidos pré-existentes. Daí a necessidade de se pensar o gesto de interpretação como lugar da contradição: é o que permite o dizer do sujeito pela repetição (efeito do já-dito) e pelo deslocamento (historicização). (ORLANDI, 1998, p. 16).

Assim, o jogo sobre as regras da língua, do qual nos fala a autora é o que afeta a repetição, produzindo deslocamentos, que permitem que, através da substituição, o sentido possa vir a ser outro, pois afeta a materialidade discursiva não sendo uma simples substituição de conteúdo.

Esse tipo de funcionamento trata-se, ao mesmo tempo, de uma relação parafrástica e polissêmica, pois a paráfrase se coloca como repetição, como cristalização do sentido, e a polissemia se coloca como ruptura, ou seja, trata-se do equívoco, do diferente, que é colocado em funcionamento pelo real da língua, a sua incompletude.

Orlandi (2007a, p. 36), referindo-se à paráfrase e à polissemia, afirma que “[...] essas são duas forças que trabalham continuamente no dizer, de tal modo que todo discurso se faz nessa tensão: entre o mesmo e o diferente”.

O que nos permite analisar que há um mesmo nessa diferença, pois, pela ordem capitalista, todo sujeito faz uso do seu corpo em toda atividade que realiza, enquanto trabalho, visando ao lucro, assim, a atividade de meretriz, no sentido de “ganhar dinheiro”, em sua materialidade significativa (PÊCHEUX, 2008).

Desse modo, ao trabalharmos com o funcionamento discursivo, percebemos o quanto a língua está exposta ao equívoco, pois, conforme Pêcheux (1990, p. 53), “[...] todo o enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro”.

Assim, Pêcheux (1990) afirma que o impossível, o equívoco, o deslize, a falha e a ambiguidade são constitutivas na língua e inscritos na própria língua, o que demonstra que o sentido escapa sempre.

Nessa direção, de que forma os sentidos são produzidos em relação à imagem feminina, e especialmente a imagem da mulher que se prostitui nas músicas que materializam os efeitos da ideologia, que possuem um meio de circulação mais abrangente e diferenciado atingindo sujeitos e sentidos em determinado momento e situação. De que forma a música produz sentidos para os sujeitos em relação à prostituição? São sentidos cristalizados ou sentidos novos e contraditórios?

Observamos primeiro cada música. Na letra de **O amor não escolhe profissão**, as formulações descrevem, pelo olhar do outro – do namorado –, a vida da personagem-sujeito Rose Claire.

Saiu de Pouso Alegre deixou tudo pra trás
Família, filho, emprego... atrás de alguns reais
Te vi pela primeira vez descendo do ônibus
Carregando as suas malas cheias de ilusão
Me apaixonei por você e quando eu fui ver...
Não era a mesma moça que um dia me encantou
As roupas encurtaram, o salto aumentou
De onde vem o seu sustento, como se mantém?
Trabalhar com evento não paga tão bem
Eu quero acreditar, mas sei lá...
Meus amigos dizem que eu devo acordar
Que é pra prestar mais atenção na sua conduta
Eu não ligo pro que os outros possam pensar
Mas pelo menos me diga se você é...

Até carro do ano você ganhou de alguém
Tá sempre tão cansada, o que é que você tem?
Pra que um outro celular que toca sem parar?
Atende com a voz rouca sempre a perguntar
Aqui é a Rose Claire, o que você quer?
Agora essa história de você viajar
Se mandou pra Espanha, foi pra trabalhar
Volta que eu tô te esperando pra pedir a sua mão
Saiba que o amor não escolhe profissão
Eu quero acreditar, mas sei lá...
Meus amigos dizem que eu devo acordar
Que é pra prestar mais atenção na sua conduta
Eu não ligo pro que os outros possam pensar
Mas pelo menos me diga se você virou uma...

Mas vamos combinar, dividir...
E o que você ganhar, repartir...

Meus amigos dizem que eu devo acordar
Que é pra prestar mais atenção na sua conduta
Eu não ligo pro que os outros possam pensar
Mas pelo menos me diga se você é...
É que meus amigos dizem que eu devo acordar
Que é pra prestar mais atenção na sua conduta
Eu não ligo se não vou ser eu a pagar
Eu posso até me gabar por namorar uma puta garota!

Uma puta garota
Uma puta garota
Eu vou tirar você desse lugar!
Eu vou tirar você desse lugar!
(**O amor não escolhe profissão** – Pedra Letícia, 2016).

Em seu título, **O amor não escolhe profissão**, vemos a relação entre amor e profissão, discurso social e econômico se atravessam, ao mesmo tempo, a evocar a profissão, negando “não” se escolhe, já a coloca como algo negativo, talvez não bem visto, antecipando os sentidos projetados para a prostituição, quando se refere ao trabalho da namorada, das roupas que ela usa, e ainda rememora outra música, quando encerra com a formulação “Eu vou tirar você desse lugar!”, da década de 70.

Assim, os sentidos sobre a prostituta/prostituição é que o sujeito-homem questiona as ações, comportamentos, vestimenta, modo de falar de sua namorada: “Não era a mesma moça que um dia me encantou/As roupas encurtaram, o salto aumentou/Trabalhar com evento não paga tão bem/Eu quero acreditar, mas sei lá...”, e deixa nas reticências, uma falta que é preenchida pelas formações históricas e sociais sobre a mulher, colocando-a na posição de prostituta, marcado pela rima/sonoridade em “conduta”, e materializado em “puta garota”.

Nesse caso, as formas de dizer sobre a mulher, colocam em questionamento suas ações, ou seja, a mulher ser colocada na condição de “puta”, parece ser um modo de a diminuir e a segregar em um lugar, pois a personagem Rose Claire se apresenta como uma mulher que muda, vestindo com roupas fora de um padrão moralista, e ainda possui independência financeira, ou seja, ela foge de um padrão, mas para a submeter ao discurso machista, religioso e moralista, a coloca como uma “puta”, sendo ou não sendo, como se isso a diminuísse em sua forma de ser, por isso, a ideia de salvamento, aparece ao final, salva por um homem que a tira desse lugar, salva da vida, que nem se quer se sabe ser de prostituta, mas que é considerada ruim pelo olhar do outro.

Em contrapartida, apresentamos a música **Troca de calçada**, em que o sujeito materializado na letra é o sujeito-mulher, e isso ocorre também na composição da letra, escrita por Juliano Gonçalves Soares, Rodrigo Ferrari e Marília Dias Mendonça, e na representação vocal da música.

Essa mudança de condições de produção, quem diz, para quem diz, como diz, desde a composição, quem canta e o sujeito que se materializa na música,

produz um deslocamento que ocorre na contemporaneidade marcada pelos movimentos feministas, sociais, raciais etc., em um movimento denominado de 'feminejo', as mulheres assumindo a voz, dizendo de si, para outras, não sendo apenas representadas na voz do outro. Considerado um neologismo, composto na justaposição de 'feminino' e 'sertanejo', o feminejo compõe um:

Estilo musical sertanejo cujas letras são cantadas e compostas por mulheres, trazendo uma perspectiva feminina sobre os temas próprios do sertanejo, incluindo músicas que focam no empoderamento, superação e independência da mulher: Marília Mendonça foi a precursora e maior representante do feminejo no Brasil. (Dicionário Online de Português).⁴

Na definição do **Dicionário Online de Português**, a acepção já apresenta Marília Mendonça como precursora no Brasil do feminejo. Essa representação é importante, pois suas músicas materializam diferentes pontos de vista, sobre a mulher, a traição, ora a esposa traída, ora a amante, fazendo-nos observar um movimento entre paráfrase e polissemia, entre sentidos retomados e deslocados. Para este estudo, não aprofundaremos nisso, mas dizemos isso para colocar em que posição a música **Troca de calçada** é constituída, no Brasil, pela voz de uma mulher, na posição de uma mulher, não pela voz do outro.

Se alguém passar por ela
Fique em silêncio, não aponte o dedo
Não julgue tão cedo
Ela tem motivos pra estar desse jeito
Isso é preconceito
Viveu tanto desprezo
Que até Deus duvida e chora lá de cima
Era só uma menina
Que dedicou a vida a amores de quinta
É claro que ela já sonhou em se casar um dia
Não estava nos planos ser vergonha pra família
Cada um que passou levou um pouco da sua vida
E o resto que sobrou ela vende na esquina.

Pra ter o corpo quente, eu congelei meu coração
Pra esconder a tristeza, maquiagem à prova d'água
Hoje você me vê assim e troca de calçada
Só que amar dói muito mais do que o nojo na sua cara
Pra ter o corpo quente, eu congelei meu coração
Pra esconder a tristeza, salto 15 e minissaia
Hoje você me vê assim e troca de calçada
Mas se soubesse um terço da história, me abraçava
E não me apedrejava

⁴ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/feminejo/>. Acesso em: 03 dez. 2021.

(Troca de calçada – Marília Mendonça, 2021).

Observamos na letra, dois modos de dizer, um narrador que expõe a condição de uma mulher, na relação com a família e a sociedade, e a voz desse sujeito-mulher que se coloca também na letra, o que materializa uma diferença nos modos de se apresentar o olhar sobre o outro e também do outro.

Essa voz parece se sensibilizar por esse sujeito-mulher, diz: “Se alguém passar por ela/ Fique em silêncio, não aponte o dedo/Não julgue tão cedo/Ela tem motivos pra estar desse jeito/Isso é preconceito”, formulações que se constituem entre um sentimento de pena, como um reconhecimento de não julgar o outro, pois a condição material de existência, muitas vezes é apagada, silenciada. Nessa direção, o termo “julgar” marca o funcionamento de um discurso religioso sobre a mulher, reforçado em “Viveu tanto desprezo/Que até Deus duvida e chora lá de cima”, formulações atravessadas pelo discurso social e contemporâneo marcado no termo “preconceito”, discursos retomados e ressignificados na contemporaneidade produzindo uma contradição que não se resolve, sobre a condição da mulher.

Essa condição é da ordem daquilo que se constitui não como oposição, mas imbricação, ou seja, a posição sujeito-mulher vive em um entremeio que produz deslocamentos no modo de ser mulher na atualidade, mas que ainda retoma sentidos já dados, como podemos ver em: “Mas se soubesse um terço da história, me abraçava/E não me apedrejava”. Saber a sua história é poder dar voz, não ainda ter voz, mas a possibilidade de falar de sua própria condição. Nessa perspectiva, o termo “apedrejava” rememora sentidos religiosos de castigo para a mulher enquanto pecadora, no caso, uma puta, termo que não se materializa na letra da música, mas produz sentidos.

Desse modo, nas duas músicas observamos um não dizer que diz muito, pois ocorre uma não afirmação da condição da mulher como prostituta. Assim, as músicas produzem um silenciamento que instalam sentidos de afirmação, essa contradição, persiste em tais músicas, pois, por mais que produzam como efeito de evidência a condição da mulher como meretriz, nenhuma delas afirma realmente se tratar, de uma meretriz. Essa não afirmação põe em funcionamento um jogo da língua, na língua que produz sentidos voltados para a meretriz, a partir de uma

memória discursiva, a partir de condições de produção, que mesmo não dizendo diz sobre a prostituta.

As duas músicas apresentam sentidos relacionado a uma rede de filiações, pois nas duas letras, a mulher é apresentada como uma prostituta, materializada em formulações como: “E o resto que sobrou ela vende na esquina.” e “Mas pelo menos me diga se você virou uma...”. Nesses dizeres, o termo prostituta não aparece materializado, mas seus efeitos sim, tanto as reticências quanto a pergunta que fica “vende o quê na esquina?” produzem efeitos da mulher enquanto prostituta.

Assim, “[...] nesse complexo campo de redefinição de papéis e de valores, a prostituta foi construída como um contra-ideal necessário para atuar como limite à liberdade feminina” (RAGO, 2008, p. 45). Desse modo, as imagens atribuídas às mulheres, durante o seu processo sócio histórico, se fazem nessa relação de obrigação social (mãe, esposa, etc.) e prazer (prostituta, “mulher da vida”) produzindo efeitos até os dias atuais.

Os sentidos são constituídos mutuamente com os sujeitos através da interpelação deste pela ideologia, essa se esbarra no efeito da evidência, que surge através do uso e do hábito (PÊCHEUX, 2009).

Outra regularidade é o constante apego a aparência, o que faz parecer que ser prostituta é algo que se inscreve na aparência do sujeito, especialmente no jeito de ser e se vestir, como é descrito nas músicas.

Pra ter o corpo quente
Eu congelei meu coração
Pra esconder a tristeza
Maquiagem a prova d'água
Hoje você me vê assim e troca de calçada
Só que amar dói muito mais
Do que um nojo na sua cara
Pra ter o corpo quente
Eu congelei meu coração
Pra esconder a tristeza
Salto 15 e minissaia
Hoje você me vê assim e troca de calçada
Mas se soubesse um terço da história
Me abraçava e não me apedrejava.
(Troca de calçada – Marília Mendonça, 2021).

Não era a mesma moça que um dia me encantou
As roupas encurtaram, o salto aumentou.
(O amor não escolhe profissão – Pedra Letícia, 2016).

Essas formulações ressaltam a memória histórica e social de um imaginário que se tem sobre a vida desregrada em que vive a prostituta, atravessado por formação discursiva religiosa. Ao falarmos sobre Eva, Madalena, a visão da mulher associa-se a pecado, e se materializa na condição da prostituta. Desse movimento, ao associar a 'pecadora' com a 'prostituta' determinou-se que o único pecado que uma mulher poderia cometer seria o da prostituição, ou seja, para o discurso religioso a noção de pecado é fortemente associada à prostituição de maneira que o que predomina é a imagem de uma mulher que se prostituiu e não de uma mulher que cometeu qualquer outro crime. E essa condição se materializa também no corpo, nas roupas, no jeito de ser.

Observamos que as músicas apresentam um olhar sobre a mulher a partir de uma dualidade que a constitui, a que casa, cuida dos filhos; e a que deixa tudo para trás: "família, filhos e emprego... atrás de uns reais", a que não pode mais casar, pois "ela já sonhou em casar um dia", agora é "vergonha" para a família. São formulações que fazem rememorar toda uma condição histórica e social sobre a história da mulher e da prostituição, mas que ainda reverberam na contemporaneidade, em outras condições de produção, mas compreendendo como os sentidos se dão sempre nessa relação com a história, a língua e a ideologia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dualidade constitutiva sobre a imagem da mulher foi se constituindo, fortemente marcada por um processo sócio-histórico, que continua, na atualidade, a produzir sentidos dos/para os sujeitos, provocando deslocamentos ao retomar dizeres passados, dizeres esses dados como cristalizados.

Podemos dizer, portanto, que por mais que hoje a mulher ganhe espaço no meio social masculino, ainda assim, esse imaginário continua funcionando de modo a colocar em circulação outros sentidos, porque, se antes a mulher cuidava da casa, hoje trabalha fora, possui sua independência, mas ainda tem de manter a sua casa limpa – mesmo que tenha condições de contratar uma secretária para cuidar dos afazeres domésticos, fica-se ainda como responsável – mesmo que não veja o porquê, pois não há como fugir dessa constituição histórica e psicológica que perpassa nossas vidas e nossos dizeres.

Ser prostituta é colocar-se na visibilidade da contradição, é colocar-se na esfera primitivista, é confrontar permanentemente as relações sociais, as relações de trabalho, os modos de uso do corpo, fazendo dele um espaço de prazer, é negar-se como mulher-mãe, uma vez que lhe é negada a maternidade. Ou seja, a prostituta se constituiu e se constitui como o lugar do silenciado, do interdito, do proibido pela sociedade, mas que, ao mesmo tempo, escapa como um subproduto social, através do deslize, da contradição. Assim, ela se institui como parte da sociedade, mas pelo avesso dela, pois seus modos de estar no mundo confronta-se com o que é da ordem da sociedade/civilidade, que se marca pelos valores morais, cujo funcionamento configura-se pelo incessante apagamento do prazer, como se ele não existisse ou não fizesse parte constitutiva do ser humano. É, então, o sentir/dar prazer que mais confronta a atividade da prostituta com tudo aquilo que insere o homem na ordem do social: o trabalho, a família, a aparência. São seus modos de colocar-se em sociedade que fere, avilta, afronta o social, conferindo à prostituta/prostituição um modo de inserção no social pela permanente contradição e equívoco.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. A experiência vivida. v. 2, 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

CHAUÍ, M. **Repressão sexual**: essa nossa (des)conhecida. São Paulo: Brasiliense, 1984.

DEL PRIORE, M. **História do Amor no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I**: A vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 18. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

ORLANDI, Eni P. Paráfrase e Polissemia: A Fluidez nos Limites do Simbólico. **RUA**, Campinas, n. 4, p. 9-19, mar. 1998.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 7. ed. Campinas: Editora Pontes, 2007a.

ORLANDI, Eni P. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2007b.

PÊCHEUX, Michel. Delimitações, inversões, deslocamentos. **Caderno de Estudos Lingüísticos**, v. 19, p. 7-24, jul./dez. 1990.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 5. ed. Campinas: Pontes, 2008.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi (*et al.*). 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

PÊCHEUX, Michel. A aplicação dos conceitos da Linguística para a melhoria das técnicas de Análise de Conteúdo. *In*: ORLANDI, Eni P. (org.) **Análise de discurso**: Michel Pêcheux. 2. ed. Campinas: Pontes, 2011. p. 203-226.

PERROLT, M. Os silêncios do corpo da mulher. *In*: MATOS, Maria. Izilda S.; SOLHET, Rachel (org.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora UNESP, 2003. p. 13-27.

RAGO, L. M. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

ROBERTS, Nick. **As prostitutas na história**. Tradução de Magda Lopes. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998.